



### III DOMINGO DO TEMPO DA QUARESMA – *Os vendilhões do templo*

Jo 2,13-25.

Caros irmãos e irmãs,

A liturgia da Palavra nos apresenta como primeira leitura os dez mandamentos, um importante tema para nossa meditação neste tempo quaresmal (cf. Ex 20,1-3.7-8.12-17). Os mandamentos da lei de Deus são normas que sintetizam a vida moral de cada cristão. São preceitos divinos, através dos quais, são construídos o fundamento e o alicerce sobre os quais se formará e erguerá a estrutura equilibrada e firme da vida terrena do homem em relação a Deus, à família, à sociedade, e aos indivíduos de um modo geral.

No conjunto, forma essa lei fundamental que está na consciência de toda a humanidade e que, se faltasse, tornaria impossível uma convivência pacífica e honesta entre os homens. No Monte Sinai esta Lei é transmitida pela autoridade pessoal de Deus. No fim da exposição da Lei, feita por Moisés, o povo se comprometeu a cumpri-la e foram todos aspergidos com o sangue dos novilhos imolados. Era a promulgação da carta nacional e religiosa de um novo povo.

Os dez mandamentos foram prescritos em tábuas de pedra, e foram conservadas na Arca, chamada, por isso mesmo, a “Arca da Aliança”. Jesus atestou a perenidade do Decálogo, que é o conjunto dos dez mandamentos de Deus, pois ele mesmo os praticava e era a base da sua pregação. Fiel às Escrituras e conforme o exemplo de Jesus, a Igreja reconheceu no Decálogo um significado e uma importância primordiais. O Decálogo forma uma unidade orgânica, onde cada mandamento remete a todo o conjunto. Transgredir um mandamento é infringir toda a Lei. Esta Lei é uma instrução paterna de Deus, na qual são apresentados os caminhos para a felicidade e para a harmonia entre as pessoas, com base no respeito mútuo, com a finalidade de gerar uma boa convivência entre as pessoas.

E a Quaresma é o tempo favorável para tudo isto, é o tempo da renovação interior, do perdão dos pecados, um tempo em que somos chamados a reconciliação com Deus e também com o nosso próximo; um tempo de descobrir de novo o Sacramento da Penitência e da Reconciliação, que nos faz passar das trevas do pecado para a luz da graça e da amizade com Jesus. Não podemos esquecer o grande vigor que este Sacramento tem para a vida cristã: ele nos faz crescer na união com Deus, fazendo-nos recuperar a alegria perdida e experimentar a consolação de nos sentirmos acolhidos pessoalmente pelo abraço misericordioso de Deus.

O Evangelho deste terceiro domingo do tempo da quaresma nos mostra Jesus expulsando do templo de Jerusalém os vendedores de animais e os cambistas. É uma das poucas vezes em que o Evangelho nos mostra uma cena onde aparece a cólera de Jesus, motivada pelo desrespeito de muitos pela Casa de Deus. Tínhamos a convicção de que Jesus se mantivesse sempre calmo, manso, tranquilo, mas nessa ocasião ele mostra um aspecto diferente.

Jesus repudiou tudo aquilo energeticamente, fazendo até um chicote de cordas para expulsar todos aqueles profanadores dizendo-lhes: “Tirem isso daqui! Não façam



da casa de meu Pai uma casa de comércio” (v. 16). Neste momento alguns judeus perguntaram: “Que sinal nos mostras para agir assim?” (v. 18). Na verdade, o sinal que Jesus dará como prova da sua autoridade será precisamente a sua morte e Ressurreição, quando responde: “Destruí este Templo, e em três dias eu o levantarei” (v. 19). E o próprio evangelista São João frisa: “Ele falava do templo do seu corpo” (v. 21). Os discípulos bem o reconheceram depois da Ressurreição e creram no que ele havia dito (cf. Jo 2,13-22).

A casa de oração havia sido transformada em uma casa de negócios, um covil de mercadores. Os negociantes estavam vendendo os animais para os sacrifícios prescritos pela Lei do Antigo Testamento. O templo enquanto lugar de oração, de fraternidade e de acolhida, tinha sido transformado em ponto de exploração e enriquecimento ilícito; porque, para alguns, a fé perdera a sua profundidade e os fiéis tinham-se tornado vítima da ganância dos ricos. Nisto consistia a profanação da casa de Deus. O gesto de Jesus é de limpeza, de purificação, e a atitude que Ele repudia pode ser encontrada nos textos proféticos, segundo os quais não é do agrado de Deus o culto exterior, feito de sacrifícios materiais e fundamentado em interesses pessoais (cf. Is 1,11-17; Jr 7,2-11). Este gesto de Jesus é uma exortação ao culto autêntico, à correspondência entre liturgia e vida; uma evocação válida para todas as épocas, e também hoje para nós.

Expulsando os vendedores e os animais (v. 15), Jesus queria dizer que aqueles sacrifícios não tinham mais valor. Os judeus acreditam que Deus habita no templo de Jerusalém e é ali que eles vão para oferecer-lhe sacrifícios. Julgam eles que lhe agradam o perfume do incenso e o sangue das vítimas. Mas Jesus mostra que em breve Deus constituirá para si um novo templo, no qual serão oferecidos sacrifícios que lhe agradam. No diálogo com a Samaritana, Jesus já havia dito: “...chegou a hora na qual nem neste monte, nem em Jerusalém adorareis o Pai. Os verdadeiros adoradores lhe prestarão culto em espírito e verdade. São estes, em verdade os adoradores que ele quer” (Jo 4,21-24).

Com esta ação da expulsão dos vendilhões, Jesus pretende purificar o templo de tudo aquilo que não condiz com a casa de Deus. Para o evangelista São João o templo já não é mais importante em si mesmo, na sua grandiosidade material; a sua importância está em ser símbolo de Jesus de Nazaré. Por isso, pode até ser destruído em três dias, mas não pode ser manchado. Com a Páscoa de Jesus começa um novo culto, o culto do amor, e um novo templo que é Ele mesmo, Cristo ressuscitado, mediante o qual cada fiel pode adorar Deus Pai “em espírito e verdade” (Jo 4, 23).

A Igreja primitiva durante os primeiros séculos celebrou o culto e a Eucaristia nas casas ou nas catacumbas. Com o passar de algum tempo, mesmo na era dos Apóstolos, se tornou necessário o encontro de algum local comum para as celebrações litúrgicas. Só mais tarde sugeriram as Igrejas, as basílicas e as catedrais.

Somos o corpo vivo, o templo vivo, e é o Espírito Santo quem nos dá a vida, quem nos une. A Igreja, templo e corpo, formada por todos os batizados é a manifestação visível da presença do Senhor Ressuscitado. Por isso ela celebra os sacramentos, todos decorrentes da Eucaristia, com a qual somos alimentados e nutridos. É ela, a Igreja, aquela que louva o Senhor com sua liturgia, a esposa sem ruga e sem mancha, que foi purificada pelo próprio esposo, o Cordeiro Imolado.



O Apóstolo São Paulo nos ensina: “Vosso corpo é templo do Espírito Santo; portanto, glorifiquem a Deus com vosso corpo” (1Cor 6,17). Com a vida de Jesus, o Templo de Jerusalém estava para perder seu sentido. O verdadeiro lugar de adoração de Deus é agora o próprio corpo glorificado de Jesus: “O templo reconstruído em três dias” (v. 19). Jesus é o centro do culto em espírito e verdade. Jesus ressuscitado é o templo do novo culto. Toda oração e toda oferenda a Deus devem ser feitas, a partir de então, em Cristo Jesus, para que sejam um culto espiritual vivo, santo e agradável a Deus (cf. Rm 12,1).

Saibamos também nós, enquanto membros de Cristo, ter para com a casa de Deus o mesmo zelo que Jesus demonstrou ter. Que o Senhor nos faça percorrer este tempo quaresmal seguindo um itinerário de conversão e de penitência, para podermos eliminar da nossa vida todo o pecado, purificando assim o nosso corpo que é templo do Espírito Santo (cf. 1Cor 3,17). Assim seja.

***D. Anselmo Chagas de Paiva, OSB***  
Mosteiro de São Bento/RJ